

O Ecoar da Liberdade

Uma Jornada de Libertação

Caio Vinícius Osman



O Ecoar da Liberdade

Uma Jornada de Libertação

O Ecoar da Liberdade

Uma Jornada de Libertação

Caio Vinícius Osman

©2024 Caio Vinícius Osman de Lima Ielpo

Projeto gráfico e diagramação: Caio Vinícius

Foto da capa: Adobe Firefly

1ª Edição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Osman, Caio V.

O ecoar da liberdade : uma jornada de
libertação / Caio V. Osman. -- 1. ed. -- Ribeirão
Preto, SP : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-12079-9

1. Experiências - Relatos 2. Homens -
Autobiografia 3. Libertação espiritual 4. Memórias
5. Osman, Caio V. 6. Seitas 7. Superação -
Histórias de vida I. Título.

24-222456

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Autobiografia 920.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição
pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou
forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc.
- Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de da-
dos, sem a expressa autorização do autor.

Conheça o trabalho do Autor:

<https://caioosman.com.br>

Sumário

Introdução.....	10
O Dia “D”	13
O Post-mortem e o Início de Tudo	26
O Fogo e as Cinzas	32
A Cebola e Suas Camadas	40
O Peso das Palavras	51
As Estações da Vida	64
O Peso da Lâmina, o Alívio do Perdão.....	80
Uma Nova Morada	116
O Retorno à Luz	141
A Autenticidade da Paternidade	156
O Sentido da Vida	184
A Gestação da Humanidade	199
O Nascimento	221
�p�logo.....	229

Sobre o Autor



Caio Vinícius Osman é um filósofo não dualista e empresário que iniciou sua carreira aos 18 anos, ao fundar sua primeira empresa. Formado em Gestão de Empresas e com especializações em Análise de Dados e Biomagnetismo, Caio construiu uma carreira sólida

em Tecnologia da Informação. Sua vida é guiada pela busca do autoconhecimento, explorando áreas como filosofia, psicologia, ocultismo e esoterismo. Desde 2013, compartilha suas reflexões através de aulas, workshops e palestras.

Durante a pandemia de Covid-19, Caio passou por uma transformação significativa ao romper com uma instituição disfuncional após 12 anos, o que o levou a uma profunda reavaliação de suas crenças e a uma nova fase de crescimento pessoal e espiritual. Essa experiência é refletida em seus livros.

Autor de três livros, Caio se tornou uma referência para aqueles que buscam entender e superar as prisões interiores, oferecendo uma visão autêntica e profunda sobre o processo de autodescoberta e liberdade pessoal.

Saiba mais: www.caioosman.com.br

Guia de Auxílio para a sua relação com seitas e grupos disfuncionais: <https://t.ly/Zr1Zj>

Agradecimentos

Este livro é o resultado de uma jornada complexa, rica em experiências que moldaram quem sou hoje. A cada momento, a cada desafio enfrentado, sou profundamente grato, pois sem eles, o aprendizado que compartilho aqui jamais teria sido possível.

Primeiramente, agradeço a todas as experiências que vivi, sem exceção. Cada uma, de maneira única, contribuiu para o meu crescimento e aprendizado, revelando lições profundas que foram essenciais para a criação deste livro.

A Atanibio Boell Junior, meu sincero agradecimento por ser uma referência luminosa em minha jornada de autoconhecimento. Sua paciência, sabedoria e capacidade de me guiar na desconstrução de velhas crenças foram fundamentais para que eu pudesse enxergar a realidade de forma mais ampla e encontrar a liberdade que tanto busquei.

A Priscila Arduini, minha companheira fiel nesta grande aventura da vida, obrigado por estar ao meu lado, compartilhando comigo cada alegria, cada desafio e cada descoberta. Seu apoio constante e amor incondicional foram a força motriz que me impulsionou nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho, Artuk Osman, agradeço por trazer alegria e renovação ao meu espírito. Através de você, descobri o que é ser pai e experimentei um tipo de amor que transcende palavras. Sua chegada me transformou e inspirou de maneiras que jamais imaginei.

À nossa família, que nos amou e acolheu incondicionalmente, mesmo nos momentos em que a negligência parecia prevalecer, minha eterna gratidão. Seu amor e compreensão criaram o ambiente de apoio que tanto precisei para seguir em frente.

A Vitor Barrozo, meu profundo agradecimento por ter sido um amigo leal em um momento crítico, quando minha sanidade parecia ameaçada. Sua presença e amizade foram um refúgio seguro em tempos de incerteza.

Por fim, quero expressar minha gratidão a todos os participantes e ex-participantes da mesma instituição à qual pertenci, e que me procuraram. Vocês me ajudaram a entender melhor o processo de dissonância pelo qual passei e, com isso, vislumbrar um antídoto que espero ser útil a todos que entrarem em contato com este livro.

Este livro é, em muitos aspectos, um reflexo das conexões, aprendizados e trocas que tive com cada uma dessas pessoas e experiências. A todas, meu mais profundo e sincero agradecimento.

Introdução

A jornada que você está prestes a embarcar neste livro é uma exploração íntima e profunda de transformação pessoal, espiritualidade e autoconhecimento. No entanto, essa história não segue um caminho linear de crescimento contínuo; ela começa nas sombras, em um período de escuridão e turbulência que moldou cada passo que viria a seguir.

Por mais de uma década, estive imerso em um grupo que, inicialmente, parecia oferecer as respostas e a orientação que eu tanto buscava. A promessa de iluminação e crescimento espiritual, que no início brilhou como uma luz guiando meus passos, aos poucos se transformou em uma sombra opressiva, escondendo por trás de belas palavras uma realidade de controle e manipulação. O que começou como uma sincera busca por sentido acabou se tornando uma prisão invisível, onde a autoridade era absoluta e as dúvidas, silenciadas. A busca por respostas genuínas foi substituída por um conformismo sufocante, enquanto o questionamento era visto como uma ameaça, e a individualidade, como um obstáculo a ser quebrado.

Essa fase da minha vida foi marcada por uma intensa batalha interna, repleta de conflitos, medos e uma dolorosa desilusão. A estrutura que prometia cura e

crescimento revelou-se como um labirinto de manipulações, no qual a liberdade que eu tanto ansiava parecia cada vez mais distante. Cada tentativa de me libertar desse grupo disfuncional era acompanhada por um turbilhão de emoções contraditórias — desde a sensação esmagadora de perda e vazio, até a raiva fervente contra o sistema que me aprisionava, e, finalmente, uma aceitação amarga e resignada da verdade. Havia momentos em que a esperança parecia completamente perdida, e o caminho para a libertação se mostrava como uma trilha escura e sinuosa, e cada passo à frente parecia envolver um preço a ser pago.

No entanto, foi precisamente nesse caos que encontrei a força necessária para iniciar um processo profundo de desconstrução e renascimento. Ao encarar minhas próprias sombras e enfrentar os medos que me mantinham preso, comecei a dismantelar, pouco a pouco, as falsas verdades que adquiri no processo de integração à instituição. Esse processo de desconstrução foi doloroso e solitário, mas foi também o início de uma verdadeira transformação. Cada corrente que se rompia era um ato de libertação, um passo em direção a uma nova compreensão de quem eu realmente era. E foi a partir das ruínas do meu antigo eu que uma nova trajetória começou a se delinear — um caminho, ao mesmo tempo incerto e libertador, que me levou a uma profunda autodescoberta e transformação.

Este livro é uma crônica detalhada dessa transformação, um relato honesto e sem reservas que percorre desde os momentos mais sombrios de ruptura e conflito até os primeiros passos, ainda hesitantes, em direção à luz. A cada capítulo, você será convidado a caminhar comigo através dos labirintos da mente, a enfrentar os demônios internos que ameaçam nossa paz, e a explorar as alturas do espírito. Essa jornada, que começa nas profundezas da dúvida, do medo e da desilusão, culmina em uma compreensão renovada da vida, do amor e do sentido da existência.

À medida que, juntos, percorrermos esse caminho, você verá que mesmo nas sombras mais profundas, onde tudo parece perdido, existe a semente de uma nova vida esperando para florescer. A jornada que parecia destinada a terminar em escuridão e derrota revelou-se, na verdade, como o início de uma nova era — uma era marcada por consciência, autonomia e, acima de tudo, uma paz interior que transcende os conflitos e as ilusões que antes me aprisionavam.

Este livro não é apenas um testemunho da minha própria transformação, mas um convite para que você também explore suas próprias sombras e descubra a luz que reside além delas. Porque, no final, a verdadeira jornada é aquela que nos leva de volta para dentro de nós mesmos, para o centro do nosso ser, onde a verdadeira liberdade e paz interior aguardam para serem redescobertas.

O Dia “D”

A noite havia caído, e o templo estava envolto em uma penumbra densa, onde apenas uma vela solitária resplandecia, lançando sua luz vacilante sobre um estandarte vermelho escarlate. O antigo símbolo egípcio bordado na tela parecia pulsar com uma energia ancestral, como se fosse capaz de despertar segredos há muito esquecidos. Ao lado da vela, sobre a mesa, uma estátua de Anúbis permanecia vigilante, sua expressão serena ocultando mistérios insondáveis. A pequena pira de fogo, agora apagada, exalava um fio de fumaça, um último suspiro antes do absoluto silêncio que dominava o espaço.

Eu me levantei, com um peso no peito que parecia tornar cada movimento dolorosamente lento, e deixei o templo, cruzando a soleira que separava aquele santuário do mundo exterior. Ao entrar na sala ao lado, a familiaridade do ambiente me atingiu como um golpe silencioso. Sentei-me na velha cadeira de madeira, cujo rangido ecoou como um lamento através do vazio, e senti a rigidez do encosto, como se o próprio móvel me forçasse a encarar a verdade que eu havia evitado por anos a fio.

A atmosfera ali era opressiva, como se o tempo estivesse suspenso, capturado em um instante eterno de incerteza. O cheiro da madeira envelhecida misturava-se ao aroma intenso de mirra e benjoim, queimados recentemente na sala ao lado, impregnando o ar com uma fragrância que evocava rituais antigos e esquecidos. Na parede, fotos de antigos mestres observavam tudo com olhos que pareciam vivos, cheios de uma sabedoria que agora me parecia irônica. Cada detalhe daquele ambiente, construído por minhas próprias mãos, agora parecia conspirar para criar um cenário perfeito para o confronto inevitável.

Com uma determinação que mal reconheci em mim, levantei-me e fui até o armário onde guardava meus pertences. Peguei uma caixa de papelão, agora vazia, e comecei a recolher tudo o que havia sido meu. Uniformes que antes vestiam minha devoção, cadernos de anotações carregados de pensamentos que eu julgava profundos, fotos que imortalizavam momentos de camaradagem e esperança. Entre esses objetos, estava meu bracelete, utilizado em todas as cerimônias, um símbolo de pertencimento que agora carregava o peso de uma mentira. Deixei-o sobre a mesa do novo diretor, sabendo o quanto é amargo para um desertor ter que se despedir de algo que já não lhe pertence, mas que nunca foi seu de verdade.

Ao deixar a escola, lancei um último olhar ao lugar que havia sido meu refúgio. Passei a mão sobre o

balcão da recepção, que eu mesmo havia feito com tanto carinho, e reli os princípios que pregavam uma fraternidade universal que, para mim, nunca existiu. Segurando a caixa com meus pertences, saí sem olhar para trás, temendo que, se o fizesse, perderia a força necessária para seguir adiante.

Em casa, fui até o quintal e preparei uma fogueira improvisada, usando uma velha lata de tinta. Joguei carvão dentro e acendi o fogo, que logo começou a crepitar com uma fúria silenciosa. Com a caixa ao meu lado, comecei a buscar em cada canto da casa tudo o que me conectava àquela instituição. O trabalho seria longo, então separei uma cadeira de praia, sentei-me e comecei a selecionar os objetos que seriam consumidos pelas chamas.

Primeiro, queimei os uniformes, sentindo o calor do fogo consumir a última aparência de devoção. Em seguida, o diploma de membro, que se enrolou e queimou rapidamente, transformando-se em cinzas. Documentos sem importância logo seguiram o mesmo destino, até que, entre eles, encontrei uma carta de Jiddu Krishnamurti, guardada com um certo desprezo, mas que agora parecia exigir minha atenção. Resolvi lê-la uma última vez.

Esta carta narrava um momento crítico da história de Krishnamurti, e alertava para um perigo que eu imaginava ser ilusório, fruto da mente de alguém que

eu julgava ser um desertor da causa pela qual tanto lutei.

¹03 de agosto de 1929, acampamento anual da Estrela, Ommen - Holanda

“Vamos discutir nesta manhã a dissolução da Ordem da Estrela. Muitas pessoas ficarão encantadas, enquanto outras ficarão um tanto tristes. Não é uma questão nem para júbilo nem para tristeza, porque é inevitável, como eu vou explicar.

[...]

Eu afirmo que a Verdade é uma terra sem caminhos, e vocês não podem alcançá-la por nenhum caminho, qualquer que seja, por nenhuma religião, por nenhuma seita. Este é o meu ponto de vista, e eu o confirmo absoluta e incondicionalmente. A Verdade, sendo ilimitada, incondicionada, inacessível por qualquer caminho que seja, não pode ser organizada; nem pode qualquer organização ser constituída para conduzir ou coagir pessoas para qualquer senda particular. Se vocês logo compreendem isso, verão o quanto é impossível organizar uma crença. Uma crença é algo puramente individual, e vocês não podem e não devem organizá-la. Se o fizerem,

¹ Resumo extraído da carta "Discurso da Dissolução", escrita por Jiddu Krishnamurti em 3 de agosto de 1929, durante o acampamento anual da Estrela, em Ommen, Holanda. A carta completa pode ser encontrada em: <http://legacy.krishnamurti.org/pt/about-krishnamurti/dissolution-speech.php>

ela se torna morta, cristalizada; torna-se um credo, uma seita, uma religião a ser imposta aos outros. Isto é o que todos estão tentando fazer mundo afora. A Verdade é restringida e usada como joguete por aqueles que são fracos, por aqueles que estão apenas momentaneamente desgostosos. A Verdade não pode ser rebaixada, mas, em vez disso, deve o indivíduo fazer esforço para ascender até ela. Vocês não podem trazer o topo da montanha para o vale. Se querem atingir o cume da montanha, vocês devem atravessar o vale e escalar as escarpas sem medo dos perigosos precipícios.

Portanto, esta é a primeira razão, do meu ponto de vista, pela qual a Ordem da Estrela deva ser dissolvida. Nada obstante, vocês provavelmente formarão novas Ordens, continuarão a pertencer a outras organizações em busca da Verdade. Eu não quero pertencer a nenhuma organização do gênero espiritual, por favor, compreendam isto. Eu faria uso de qualquer organização que me levasse a Londres, por exemplo; isso é um tipo bastante diferente de organização, meramente mecânica, como o correio e o telégrafo. Eu usaria um automóvel ou um vapor para viajar, esses são apenas mecanismos físicos, os quais nada têm a ver com espiritualidade. Novamente, eu sustento que nenhuma organização pode conduzir o homem à espiritualidade.

Se uma organização for criada com esse propósito, ela se transforma numa muleta, um ponto fraco, uma dependência, incapacita o indivíduo, e impede-o de crescer, de estabelecer sua singularidade, que reside na descoberta que ele deve fazer – por si mesmo - daquela Verdade absoluta, não condicionada. Esta é, portanto, outra razão pela qual eu decidi, uma vez que aconteceu de ser eu o Dirigente da Ordem da Estrela, dissolvê-la. [...] Estou interessado somente numa coisa essencial: libertar o ser humano. Eu desejo libertá-lo de todas as prisões, de todos os temores, e não fundar religiões, novas seitas, nem estabelecer novas teorias e novas filosofias.

Tal como disse, tenho um só propósito: tornar o homem livre, impulsioná-lo para liberdade, auxiliá-lo a romper com todas as limitações, por que somente isso lhe dará felicidade eterna, lhe dará a incondicionada realização do ser.

Porque eu sou livre, incondicionado, completo, não a parte - não a relativa, mas a Verdade inteira que é eterna – eu desejo que aqueles que me buscam compreender sejam livres: não que me sigam, não que façam de mim uma prisão que se transforme em religião, uma seita. Ao contrário, eles deveriam estar livres de todos os medos, do medo da religião, do medo da salvação, do medo da espiritualidade, do medo do amor, do medo da morte, do medo da própria vida. Assim como um artista pinta um quadro

porque se deleita com essa pintura, porque ela é sua autoexpressão, sua glória, seu bem-estar, assim faço isso, e não porque eu queira algo de alguém. “Vocês estão acostumados com a autoridade, ou com a atmosfera de autoridade, a qual vocês acham que os conduzirá à espiritualidade. Vocês pensam e esperam que alguém possa, por meio de seus extraordinários poderes – um milagre – transportá-los a esse reino de eterna liberdade que é a Felicidade. Toda sua concepção de vida está baseada nessa autoridade.

[...]

Quando vocês procuram uma autoridade que os conduza à espiritualidade, vocês são automaticamente instados a construir uma organização em torno daquela autoridade. Pela simples criação de tal organização, a qual, vocês pensam, auxiliará essa autoridade a conduzi-los à espiritualidade, vocês estão encerrados numa prisão.

Se falo com franqueza, por favor, lembrem-se de que assim o faço não por aspereza, não por crueldade, não por entusiasmo do meu propósito, mas porque eu quero que vocês entendam o que eu estou dizendo. Esta é a razão porque vocês estão aqui, e seria uma perda de tempo se eu não explicasse claramente, decisivamente, meu ponto de vista. “Por dezoito anos vocês vêm-se preparando para este evento,

para a Vinda do Instrutor do Mundo. Durante dezoito anos vocês se organizaram, procuraram alguém que desse um novo deleite para seus corações e mentes, que transformasse toda a sua vida, que lhes desse uma nova compreensão; por alguém que os alçasse a um novo plano de vida, que lhes desse um novo alento, que os libertasse – mas agora, vejam o que está acontecendo! Reconsiderem, ponderem consigo mesmos, e descubram de que maneira essa crença os tornou diferentes – não com a diferença superficial de usar de um crachá, que é banal, absurda. De que maneira tal crença lhes varreu da vida todas as coisas inessenciais? Essa é a única maneira de ponderar: de que modo vocês estão mais livres, mais nobres, mais perigosos para qualquer Sociedade que seja baseada no falso e no inessencial? De que maneira os membros desta organização da Estrela tornaram-se diferentes? Como eu disse, vocês vêm-se preparando para mim durante dezoito anos. Não me importa se vocês acreditam que eu sou o Instrutor do Mundo ou não. Isto tem muito pouca importância. Desde que vocês pertencem à organização da Ordem da Estrela, vocês têm dado seu apoio, sua energia, reconhecendo que Krishnamurti é o Instrutor do Mundo – parcial ou inteiramente: totalmente, por aqueles que estão realmente buscando, apenas parcialmente por aqueles que estão satisfeitos com suas próprias meias verdades.

Vocês vêm-se preparando por dezoito anos, e vejam quantas dificuldades há no processo de sua compreensão, quantas complicações, quantas coisas vulgares. Seus preconceitos, seus temores, suas autoridades, suas igrejas, novas e antigas, tudo isso, afirmo, são uma barreira para a compreensão. Não consigo fazer-me mais claro do que isso. Não quero que concordem comigo, não quero que me sigam, quero que entendam o que eu estou dizendo. “Essa compreensão é necessária porque sua crença não os transformou, mas apenas os complicou, e porque vocês não estão dispostos a enfrentar as coisas como elas são. Vocês querem ter seus próprios deuses, - novos deuses em vez dos antigos, novas religiões no lugar das antigas, novas fórmulas no lugar das antigas, todas igualmente sem valor, todas barreiras, todas limitações, todas muletas. No lugar de velhas preferências espirituais vocês têm novas preferências espirituais, em vez de antigas adorações vocês têm novas adorações. Todos vocês dependem, para sua espiritualidade, para sua felicidade, para sua iluminação, de outra pessoa; e nada obstante vocês estejam se preparando para mim por dezoito anos, quando eu digo que essas coisas são inúteis, quando eu digo que vocês devem jogá-las fora e olhar para dentro de vocês próprios para a iluminação, para a glória, para a purificação, e para a incorruptibilidade do ser, nenhum de vocês está disposto a fazê-lo. Pode haver uns

poucos, mas muito, muito poucos. Então, por que se ter uma organização?

[...]

Tal como disse antes, meu propósito é tornar o ser humano incondicionalmente livre, daí eu reafirmo que a única espiritualidade é a incorruptibilidade do eu que é eterno, é a harmonia entre razão e amor. Esta é a absoluta, incondicionada Verdade que é a própria Vida. Quero, por isso, libertar o ser humano, exultante como o pássaro no céu claro, aliviado, independente, extático nessa liberdade. E eu, para quem vocês estão se preparando por dezoito anos, digo agora que vocês devem estar livres de todas essas coisas, livres de suas complicações, suas confusões. Para isto vocês não precisam possuir uma organização baseada em crença espiritual. Por que ter uma organização para cinco ou dez pessoas no mundo que compreendem, que estão batalhando, que puseram de lado todas as coisas banais? E para as pessoas frágeis não pode haver organização nenhuma que as ajude a encontrar a Verdade, porque a verdade está dentro de todos; ela não está longe nem perto; está eternamente aí.

Organizações não podem torná-los livres. Nenhum homem de fora pode torná-los livres; nem o pode o culto organizado, nem a imolação de vocês mesmos por uma causa os torna livres; nem se

enfileirando em uma organização, nem se lançando em trabalhos, os torna livres. Vocês usam uma máquina de escrever para escrever cartas, mas vocês não a colocam em um altar e a adoram. Mas é isto que vocês estão fazendo quando as organizações se tornam seu principal interesse.

[...] De novo, vocês têm a ideia de que somente determinadas pessoas possuem a chave do Reino da Felicidade. Ninguém a possui. Ninguém tem a autoridade para possuir tal chave. Essa chave é seu próprio eu.

[...] Vocês estão acostumados a que lhes digam o quanto vocês avançaram, qual é sua posição espiritual. Quanta infantilidade! Quem além de você mesmo pode dizer se você está bonito ou feio por dentro? Quem além de você mesmo pode dizer se você é incorruptível? Vocês não são sérios nessas coisas.

[...] Essas são, portanto, algumas das razões porque, após cuidadosa consideração durante dois anos, eu tomei esta decisão. Não foi um impulso momentâneo. Não fui persuadido a isso por ninguém. Não me persuadem em tais coisas. Durante dois anos tenho pensado sobre isto, morosamente, cuidadosamente, pacientemente, e agora decidi dissolver a Ordem, uma vez que aconteceu ser eu seu Dirigente. Vocês podem formar outras organizações e esperar por outra pessoa. Não estou preocupado com isso,

nem com a criação de novas prisões, novas ornamentações para esses cárceres. Meu único interesse é tornar o ser humano absolutamente, incondicionalmente livre.

Após ler a carta, um vazio profundo tomou conta de mim. Fiquei fitando o fogo que lentamente consumia parte do que tinha sido minha vida. As chamas dançavam em um ritmo hipnótico, e, sem perceber, fui tomado por um cansaço inescapável. Lentamente, meus olhos se fecharam, e o mundo desvanecia enquanto o fogo continuava sua tarefa implacável.

Quando despertei, senti o leve peso de algo sobre meu colo. Meus olhos, ainda embaçados pelo sono, demoraram a focar, mas logo percebi a presença de uma carta, desta vez escrita à mão. Esfreguei os olhos, tentando dissipar a névoa do cansaço, e o que vi diante de mim fez meu coração vacilar. A introdução me paralisou.

06 de dezembro de 2020,

Querido Caio,

Quando Jiddu Krishnamurti escreveu aquela carta em 1929, já pressentia sua história e a dor que a acompanharia. Eu sabia que, de alguma forma, essas palavras encontrariam eco em sua vida, assim como você as encontrou, guardando-as, mesmo que, na época, não fizessem sentido. Compreenda que o tempo é uma ilusão; passado, presente

e futuro se entrelaçam no que não pode ser nomeado. Eu estou com você agora, pois sei que seu desejo mais profundo é ser livre.

Você está imerso em um conflito, uma contradição inerente à jornada que percorreu. Se desejar auxílio, escreva-me uma resposta. Depois, queime-a no fogo, e eu lhe responderei.

K.

As lágrimas desceram silenciosas pelo meu rosto enquanto eu lia aquelas palavras. Meu corpo inteiro tremia, o choque reverberava em cada fibra do meu ser. Seria isso um sinal de que minha mente havia finalmente sucumbido à loucura, após tudo o que eu suportei e todos os ferimentos que acumulei? A realidade, que eu tanto acreditara compreender, parecia se dissolver diante de mim, revelando apenas a fragilidade de minhas convicções. Mas, se o que eu julgava ser real não passava de uma ilusão, por que não me permitir viver uma nova ilusão, mesmo que apenas por um instante? Talvez, afinal, a ilusão seja a única realidade que conhecemos...

O fogo, naquele momento, já havia se extinguido. Resolvi guardar o que restava, os objetos que ainda não haviam sido consumidos pelas chamas, e deixar para continuar em outro momento. O cansaço me envolvia, então fui dormir.

O Post-mortem e o Início de Tudo

O dia seguinte chegou como qualquer outra segunda-feira. Levantei-me e segui minha rotina habitual, indo trabalhar na empresa de TI que fundei e onde passo meus dias. À medida que o expediente se aproximava do fim, uma estranha mistura de angústia e alívio começou a se instalar em mim. Alívio por não precisar mais abrir a escola, dar aulas ou seguir a exaustiva rotina que, por tanto tempo, pesou sobre meus ombros. Não havia mais a necessidade de equilibrar o trabalho profissional com as exigências do voluntariado.

Enviei uma mensagem para minha esposa, perguntando o que faríamos após o trabalho. Ela, surpreendentemente, confessou sentir a mesma inquietação e propôs algo que, por mais de uma década, parecia inconcebível: um passeio no shopping.

Encerramos o expediente e seguimos sem pressa para o shopping, sem planos definidos. Era época de Natal, e o local estava todo decorado, imerso no espírito festivo. Logo na entrada, uma roda gigante enorme capturou nossa atenção, e decidimos

experimentar a experiência. À medida que a roda girava, oferecendo uma nova perspectiva da cidade a cada volta, compartilhamos uma reflexão silenciosa. O que antes estava no alto agora descia, e o que estava embaixo se erguia. Aquela roda, em seu movimento constante, espelhava nossas próprias vidas. A única certeza que restava era a incerteza, mas, paradoxalmente, sentíamos uma estranha confiança no futuro e na nova etapa que estava por vir.

Quando a roda gigante parou, descemos e fomos tomar um sorvete, saboreando aquele momento simples e significativo. Depois, retornamos para casa. Minha esposa foi dormir, mas eu, ainda inquieto, voltei à pilha de documentos da instituição. Entre os papéis, meus dedos encontraram um pequeno folheto que me levou de volta ao início de tudo.

Flashes daquela época vieram à tona. Era fevereiro de 2008. Eu estava na Secretaria Municipal da Fazenda, resolvendo algumas pendências burocráticas. Precisavam de uma cópia de um documento, então fui até uma casa de cópias próxima. Enquanto esperava, notei um punhado de folhetos vermelhos sobre o balcão, promovendo uma agenda cultural. Peguei um deles sem pensar muito, voltei à secretaria para concluir meus negócios e, em seguida, fui para casa.

Chegando em casa, não perdi tempo. Peguei o folheto e liguei para o número impresso ali. Uma voz feminina e suave atendeu do outro lado. Antes que ela pudesse se apresentar, eu já disparei minha primeira pergunta, quase como um reflexo: a instituição estava vinculada a algum movimento religioso? Desde a infância, as contradições e dogmas infantis das religiões me afastavam de qualquer envolvimento. Precisava ter certeza de que não estava entrando em algo semelhante. A moça, com um tom acolhedor, prontamente desfez minhas preocupações, explicando que a instituição tinha como pilares a filosofia, a cultura e o voluntariado, sem qualquer ligação religiosa. Ela mencionou que haveria uma palestra em breve, sobre Sócrates, e me convidou a participar. Aceitei o convite com uma certa hesitação.

Os dias passaram, e finalmente o momento da palestra chegou. A escola de filosofia estava localizada em uma casa antiga e imponente, situada em uma ladeira no centro de Ribeirão Preto. Ao tocar o interfone, minha atenção foi capturada por aquela mesma jovem moça, agora surgindo no topo da escadaria, sorridente e radiante. Por alguns instantes, senti-me completamente desorientado, encantado pela sua presença. Ela me guiou até o ambiente onde a palestra aconteceria, e me acomodei em uma cadeira universitária verde, surpreendentemente confortável.

Enquanto esperava o início, comecei a observar o espaço ao meu redor. A casa, embora bela, mostrava os sinais do tempo. O chão de tacos de madeira, outrora magnífico, agora estava encardido por décadas de cera acumulada. As paredes, pintadas em um tom de cinza, exibiam pequenas rachaduras que denunciavam as muitas camadas de tinta aplicadas ao longo dos anos. Mas, quando a professora começou a palestra, todas as minhas observações e críticas sobre o local foram rapidamente dissipadas. Fui imediatamente absorvido pelas ideias que ela expunha com tanta clareza e paixão. As palavras de Sócrates ecoavam com vigor, e a profundidade dos ensinamentos penetrava diretamente em minha alma. A experiência toda abriu diante de mim um horizonte novo, revelando-me o vasto mundo da filosofia.

Deixei a escola naquele dia com a cabeça cheia de novas ideias e o coração batendo forte, não apenas pelo que havia aprendido, mas também pela moça que me recepcionara. Era véspera de carnaval, e me disseram que uma nova turma de filosofia só começaria após a folia. A espera foi longa e cheia de expectativa. Liguei para o número do folheto várias vezes nas semanas que se seguiram, mas ninguém atendia. A inquietação crescia em mim, até que, em um dia de março, enquanto eu ia a um cliente para receber um pagamento, uma coincidência inesperada aconteceu.

Estava atravessando a rua, prestes a entrar na empresa do cliente, quando, ao olhar para o lado, vi a mesma moça da escola de filosofia. Cumprimentei-a, nossos olhares se cruzaram, mas não houve tempo para mais nada; segui meu caminho. Dois dias depois, o destino nos uniu novamente. Eu estava no centro da cidade, na feira de Artesanato, conversando com uma amiga, quando, de repente, vi a mesma moça descendo de um ônibus. Desta vez, não deixei a oportunidade escapar. Parei-a e, com um certo nervosismo, disse que estava interessado no curso de filosofia. Queria dizer mais, queria revelar o quanto ela também havia mexido comigo, mas as palavras ficaram presas na garganta. Ela sorriu e disse que entraria em contato para me informar sobre o início do curso.

Esperei ansiosamente por esse contato, sentindo que, de alguma forma, aquele encontro era mais do que uma simples coincidência.

À medida que essa memória se desvanecia, voltei ao presente, ainda segurando o folheto que havia desencadeado toda aquela jornada. De qualquer forma, agradei àquele folheto, pois foi graças a ele que eu conheci aquela bela moça que se tornaria minha esposa.

O peso do passado parecia mais palpável agora, mas ao mesmo tempo, sentia uma leveza em revisitar essas lembranças. Era como se, ao relembrar, eu

estivesse purgando algumas das dores que ainda carregava.

Olhei ao redor, para os objetos que estavam espalhados diante de mim. Cada um deles parecia carregar uma parte dessa história, fragmentos de uma vida que, de certo modo, já não me pertencia mais. Mas havia algo em mim que hesitava em destruí-los por completo. Como se, ao fazer isso, eu estivesse apagando completamente a pessoa que fui, sem que houvesse certeza de estar pronto para isso.

Respirei fundo, e tomei uma decisão. Não queimaria tudo de uma vez. Em vez disso, começaria a guardar os objetos que ainda tinham algum valor, e aos poucos, com calma, iria selecionando o que deveria ser destruído. Seria um processo lento, mas necessário. Assim, poderia dar o devido fim ao que não mais servia, enquanto preservava aquilo que ainda tinha significado.

Com esse pensamento, comecei a organizar os itens em pilhas distintas: o que guardar, o que destruir, e o que, talvez, precisasse de mais tempo para ser decidido. Era o início de uma nova etapa, um passo em direção ao desconhecido, mas com a firme intenção de seguir adiante.

O Fogo e as Cinzas

Volto à caixa de objetos algumas semanas depois, guiado por uma sensação de incompletude, como se ainda houvesse algo a ser confrontado. Vasculhando entre os itens, meus dedos encontram uma lamparina de cerâmica. Ela era modesta, mas havia algo de sagrado em seu peso e textura. Era a mesma lamparina que, em tantas cerimônias, simbolizava o nosso compromisso de transmitir às futuras gerações o fogo da sabedoria.

Ao segurá-la, as lembranças dos primeiros anos emergem com uma clareza surpreendente. Vejo-me novamente como aquele aluno fascinado, que absorvia cada ensinamento como se fosse uma revelação. As aulas não eram meros encontros intelectuais; elas eram portais para dimensões além do visível, onde conceitos como Karma e Dharma, a Imortalidade da Alma, e as Leis que governam a Natureza adquiriam um significado que transcendia o simples entendimento. Em cada aula, sentia-me como se uma nova parte do Universo estivesse sendo desvelada diante de mim, e a busca pela sabedoria tornou-se a pedra angular do meu ser.

Mas de todas essas memórias, há uma que se destaca: a lembrança da minha primeira formatura. Naquela noite, o ambiente estava impregnado de um sentimento solene e, ao mesmo tempo, de uma eletricidade que só pode ser sentida quando algo importante está prestes a acontecer. A instrutora, com uma calma quase ritualística, acendeu o fogo diante de um símbolo que, para nós, representava os Mestres da Humanidade. A chama tremulou suavemente, lançando sombras dançantes nas paredes.

Quando a lamparina foi passada para as mãos de cada um de nós, ela trazia consigo não apenas luz, mas uma história – a história de uma pobre velhinha que, em um gesto de devoção extrema, cortou seus cabelos para acender sua lamparina diante do grande fogo dos Mestres. Essa narrativa, contada com um tom que oscilava entre a admiração e a reverência, nos tocou profundamente. Ao final da cerimônia, ao segurar aquela chama, todos nós aceitamos o compromisso de manter esse fogo vivo, transmitindo-o aos demais até que a ignorância do mundo se dissipasse por completo.

Agora, ao olhar para essa lamparina, algo dentro de mim começa a vacilar. Será que aquele fogo ainda arde em mim? Ou será que ele se apagou junto com as cinzas do que foi perdido? O brilho da chama, que antes guiava meu caminho com tanta certeza, agora parece enfraquecido, quase imperceptível. A promessa feita naquela noite ressoa em minha mente, mas, em

vez de segurança, sinto um conflito crescendo em meu peito. Será que todos esses ideais de fraternidade pelos quais lutei, nos quais acreditei com tanta convicção, realmente existem? Ou será que foi tudo em vão?

Essas dúvidas me consomem, e percebo que não posso ignorá-las. Decido, então, sentar-me e escrever uma carta para K, buscando respostas para as perguntas que agora me atormentam. Em minhas palavras, despejo toda a confusão que se instalou em mim, questionando o sentido dos ideais que, um dia, pareciam tão claros. Escrevo com a esperança de que, talvez, ele possa oferecer uma luz sobre essa escuridão que ameaça me engolir.

Alguns dias se passaram, e eu não sabia se realmente haveria uma resposta para a carta. Até que então revisito aqueles objetos guardados e em cima deles está a carta.

Resposta de K, 20 de dezembro de 2020

Meu caro,

Li sua carta com atenção e entendo o peso que você sente ao questionar a validade dos ideais pelos quais tanto lutou. Essa dúvida, por mais perturbadora que seja, é um sinal de que algo profundo está se movendo dentro de você. É uma oportunidade para ver as coisas como realmente são, sem a distorção dos ideais.

Primeiramente, precisamos compreender o que é um ideal. Um ideal é uma imagem, uma projeção da mente sobre o que deveria ser, em oposição ao que é. O estabelecimento de um ideal, como o de fraternidade universal ou a criação de um mundo novo e melhor, parece nobre à primeira vista, mas ele carrega em si um perigo sutil, porém profundo. A tentativa de alcançar esse ideal inevitavelmente cria conflito, porque estamos sempre em comparação com o que é e o que desejamos que seja.

O ideal é uma fuga da realidade. Ele nasce do descontentamento com o presente, do desejo de algo mais ou algo diferente. Mas, ao buscar esse ideal, estamos, na verdade, negando o que existe agora. Essa negação cria divisão – entre o que somos e o que queremos ser, entre as pessoas que compartilham nosso ideal e aquelas que não o fazem. Essa divisão é a raiz de todo conflito, de toda violência, seja ela física ou psicológica.

Para todo aquele que acredita que o Universo é inteligente e expressão máxima da verdade, bondade, beleza e justiça, parece-me uma enorme contradição tal negação destes mesmos atributos que se manifestam na realidade tal como ela é agora.

Você mencionou que o ideal foi um motor para seu trabalho, para seu comprometimento com uma causa maior. No entanto, pergunto-lhe: qual é a origem dessa causa? Ela não nasceu de uma insatisfação com o que é? Não foi uma tentativa de escapar da realidade do mundo,

que julgamos imperfeita ou insuficiente? E, ao perseguir esse ideal, não estamos ampliando o mesmo padrão de fuga e conflito que tanto desejamos superar?

A verdadeira fraternidade e a verdadeira compaixão não podem nascer de um ideal. Elas surgem naturalmente quando vemos a realidade como ela é, sem julgá-la ou tentar moldá-la de acordo com nossas projeções. Quando estamos em contato direto com o que é – com a vida, com as pessoas, com nós mesmos – sem o filtro dos ideais, então existe a possibilidade de uma relação genuína, de uma transformação real.

O que impede a fraternidade não é a ausência de um ideal, mas a presença dele. Quando temos um ideal, criamos uma imagem do que deveríamos ser e do que os outros deveriam ser, e essa imagem nos separa. Cada um constrói seu próprio ideal, e cada um tenta impor esse ideal aos outros, seja pela força ou pela persuasão. Isso é o que gera conflito, não a ausência de um ideal.

Por fim, você mencionou a busca por um mundo novo, por uma expressão mais profunda do nosso ser. Mas será que essa busca não é, em si mesma, uma forma de negar o que somos agora? Talvez, em vez de buscar algo além, algo diferente, possamos começar a observar o que somos – com todas as nossas limitações, medos e inseguranças – e, ao fazer isso, descobrir que a verdadeira transformação não está no futuro, em algum ideal distante, mas aqui e agora, na aceitação e compreensão do que é.

A inteligência que governa o cosmos, se é que podemos chamá-la assim, não erra. Ela manifesta o que é necessário para o momento presente, e quando julgamos essa realidade como inadequada ou imperfeita, estamos simplesmente expressando nossa própria limitação de percepção. Ao compreender isso, ao ver a beleza do que é, talvez possamos finalmente nos libertar dos ideais que nos aprisionam e encontrar uma nova forma de viver – não em conflito, mas em harmonia com o todo.

Compreender isso não é fácil, mas é o único caminho para uma transformação verdadeira e duradoura.

Com afeto,

K.

Ao terminar de ler a carta de K, senti um peso diferente se instalar em meu peito. Não era mais a angústia confusa que me assolava, mas algo mais profundo, mais difícil de definir. As palavras dele, tão claras e incisivas, pareciam cortar diretamente a essência de tudo o que eu acreditava.

Sempre pensei que os ideais nos elevavam, nos guiavam para algo maior, algo mais nobre. Mas agora, K me fazia questionar se esses mesmos ideais não tinham, na verdade, me afastado da realidade, criado uma barreira entre o que eu era e o que eu queria ser. Será que todo o meu esforço, toda a minha dedicação,

foram em vão? Será que eu estava apenas alimentando uma ilusão, fugindo do presente, da realidade?

A ideia de que a busca pela fraternidade e por um mundo melhor, poderia estar enraizada em uma negação do que é, era difícil de aceitar. E ainda mais difícil era a sugestão de que a verdadeira transformação estava no simples ato de aceitar o presente e compreender o que sou, aqui e agora.

Essas palavras me trouxeram uma nova perspectiva, mas também um novo conflito. Se eu abandonasse meus ideais, o que seria da minha vida? E, se os ideais não eram a resposta, o que então poderia guiar minhas ações? A perspectiva de viver sem um ideal me assustava. Era como estar à deriva, sem uma âncora, sem uma direção clara.

Mas ao mesmo tempo, algo em mim reconhecia a verdade nas palavras de K. Havia uma simplicidade poderosa na ideia de viver em harmonia com o que é, de abandonar a luta constante contra a realidade. Talvez fosse isso que eu vinha buscando, sem sequer perceber. Uma forma de viver que não estivesse enredada em conflitos internos, em uma luta sem fim contra mim mesmo e contra o mundo.

Essa nova compreensão, no entanto, não veio sem dor. Era como abrir mão de uma parte de mim, de algo que me definia por tanto tempo. A aceitação de que os ideais poderiam ser uma prisão, e não uma

libertação, exigia uma coragem que eu não sabia se possuía.

Decidi que precisava de tempo para digerir tudo isso. A resposta de K não era uma solução fácil, mas uma provocação que me forçava a olhar mais fundo para mim mesmo, para minhas motivações, para minhas crenças. Sabia que a partir daquele momento, não poderia mais ver as coisas da mesma maneira. Algo em mim havia mudado, e eu precisaria descobrir o que isso significava para o meu caminho dali em diante.

Coloquei a carta de K de lado, suspirei profundamente, e olhei novamente para a lâmparina que ainda segurava. A chama que ela representava não era mais uma luz clara e brilhante, mas algo mais sutil, mais complexo. Percebi que precisaria encontrar uma nova forma de caminhar, uma forma que talvez não estivesse tão ligada aos ideais que eu tanto valorizava, mas sim à realidade que eu estava apenas começando a entender.

Com esse pensamento, levantei-me, guardei a lâmparina e os outros objetos com cuidado, e decidi que, por ora, não destruiria nada. Ainda não estava pronto para isso. Primeiro, precisava entender melhor o que precisava realmente ser deixado para trás e o que, talvez, ainda tivesse valor.

A Cebola e Suas Camadas

Passaram-se algumas semanas desde que eu havia reexaminado os objetos que trouxeram à tona tantas lembranças complexas e conflituosas. Nesse meio tempo, minha mente havia se tornado um campo de batalha, oscilando entre a aceitação e o ceticismo em relação às práticas da instituição que por tanto tempo tinha sido parte central da minha vida. A cada dia que passava, um novo questionamento surgia, corroendo a base de certezas que havia construído ao redor daquelas ideias e rituais.

Em uma tarde tranquila, decidi que era hora de enfrentar novamente o passado, de abrir as caixas que guardava no canto mais recluso do meu escritório. Removi as camadas de poeira que as cobriam, sinal de quão distante eu havia tentado manter essas memórias. A primeira caixa que abri continha várias fotografias antigas e, cuidadosamente acomodado entre elas, um broche pequeno, porém significativo.

Era um broche de metal, simples na aparência, mas carregado de simbolismo e história. Era o emblema do grupo de cavalheiros ao qual eu tinha

pertencido desde 2011. Este grupo, formado exclusivamente por homens escolhidos dentro da instituição, era encarregado de manter a lei e a ordem, de zelar pelos princípios que nos eram tão fervorosamente ensinados. Ao tocar no broche, uma onda de lembranças inundou minha mente.

Lembrei-me das provas pelas quais passei para ser aceito no grupo. Eram rituais que testavam não só nossa força física e mental, mas nossa lealdade e capacidade de sacrifício. A primeira dessas provas ocorreu em uma região montanhosa de clima notoriamente frio, o cenário perfeito para o drama que se desenrolaria. Fui desafiado a carregar uma pedra pesada montanha acima, um teste destinado a simbolizar a superação do corpo físico. O peso da pedra e a inclinação da montanha me levaram ao limite da exaustão, mas acreditei que aquilo fortalecia não apenas meu corpo, mas meu espírito.

Em seguida, fui submetido a entrar em um rio gelado para simbolizar a superação do corpo energético, chamado de prana. A água fria como gelo envolveu meu corpo, tirando-me o fôlego e testando minha resiliência. Saí do rio tremendo, mas orgulhoso de ter superado mais uma barreira. A terceira prova foi ainda mais intensa. De olhos vendados, deveria pular sobre um campo onde facas estavam semi-enterradas com as lâminas para cima. Desconhecia que, momentos antes do meu salto, camaradas retirariam as facas,

deixando-me saltar em segurança. Era um teste de fé, me disseram, uma maneira de demonstrar minha confiança total na instituição e naqueles camaradas.

Cada uma dessas provas foi apresentada como um caminho para o autoaperfeiçoamento, mas agora, segurando o broche e revivendo essas memórias, não pude deixar de questionar. Eram realmente sobre crescimento pessoal ou sobre moldar-me à imagem idealizada pelo grupo? Até que ponto essas experiências me transformaram, e até que ponto me submeteram a uma doutrinação cuidadosamente orquestrada?

Com essas dúvidas girando em minha cabeça, decidi que precisava de perspectivas externas, precisava conversar com alguém que pudesse oferecer clareza. E não havia ninguém melhor que K. Peguei papel e caneta e comecei a redigir uma carta, detalhando as provas, minhas memórias, e mais importante, minhas dúvidas crescentes sobre a verdadeira natureza daquelas iniciações. Eu precisava entender se o caminho que percorri estava verdadeiramente alinhado com a busca por sabedoria ou se era uma trilha marcada por manipulação e controle.

Finalizei a carta com um pedido sincero de orientação, de um conselho que pudesse me ajudar a discernir o real do imaginado, o autêntico do imposto. Ao segurar o envelope, senti um misto de alívio e ansiedade.

Preparei o local com reverência, colocando o envelope sobre os pequenos troncos de madeira que havia arranjado cuidadosamente. Acendi o fogo, observando as chamas lambem o papel lentamente, transformando-o em cinzas que voavam para o céu, como se carregassem minhas palavras diretamente para os ouvidos de K.

Alguns dias se passaram quando, ao visitar a estante onde guardava os objetos simbólicos de minha jornada, encontrei a resposta de K exatamente ali, abaixo da pequena pira onde havia queimado minha carta. Com um misto de antecipação e serenidade, retirei a carta, cuidadosamente limpando as cinzas que a envolviam. Segurei-a nas mãos, preparando-me para absorver as palavras que prometiam lançar luz sobre os caminhos ainda sombrios da minha busca interior.

Resposta de K, 1 de fevereiro de 2021

Caro amigo,

Recebi sua carta e as cinzas de suas dúvidas, que alcançaram meu espírito antes mesmo de tocarem os céus. Suas palavras são carregadas de uma busca sincera por entendimento e libertação, e é com profundo respeito e consideração que me dirijo a você neste momento de introspecção e questionamento.

A jornada em que você se embarcou, confrontando as práticas e estruturas da instituição à qual dedicou anos de sua vida, é tanto corajosa quanto necessária para o verdadeiro crescimento pessoal. Você chegou a um ponto crucial, onde o caminho se bifurca entre a aceitação passiva do que foi imposto e a corajosa jornada em busca da compreensão da realidade. Os rituais que você descreve, embora revestidos de uma aura de transformação espiritual, parecem ter sido concebidos para solidificar não uma conexão com o divino, mas uma lealdade à instituição. Este é um traço comum em grupos disfuncionais que operam sob a égide de segredos místicos e hierarquia rígida.

O uso de práticas intensas e muitas vezes perigosas — como carregar pedras pesadas, submergir em águas geladas, ou saltar sobre facas — é apresentado como um meio de purificação e fortalecimento espiritual. No entanto, tais atos, na forma como foram estruturados, servem mais para testar a submissão e moldar a identidade do indivíduo ao ethos do grupo do que para promover qualquer iluminação individual. Essas provas criam uma dinâmica de dependência, onde o valor do indivíduo é continuamente vinculado à sua capacidade de superar os obstáculos impostos pelo grupo e de se tornar obediente. Isso, por sua vez, reforça a hierarquia interna da instituição e fortalece seu controle sobre os membros, frequentemente à custa do desenvolvimento pessoal autêntico dos indivíduos.

Organizações que mantêm suas práticas ocultas do escrutínio externo e que requerem de seus membros um

compromisso que vai gradualmente se intensificando, muitas vezes utilizam a promessa de conhecimento e poder exclusivos como isca. Este conhecimento, no entanto, é guardado nas camadas mais internas da instituição, acessível apenas àqueles que provaram sua fidelidade inquestionável. Este modelo não apenas isola seus membros do mundo exterior, mas também os imerge mais profundamente em uma realidade construída, na qual as normas e verdades da instituição suplantam todas as outras influências.

Ao refletir sobre o seu relato e as provas pelas quais você passou, fica evidente que a intenção não era apenas de testar sua resistência ou promover seu crescimento espiritual. Parece mais uma meticulosa engenharia social, projetada para desgastar sua resistência psicológica e garantir sua total conformidade e devoção à causa da instituição. A superação dos desafios físicos e psicológicos foi, paradoxalmente, uma forma de enfraquecer sua capacidade de questionamento autônomo, direcionando-o a depender mais fortemente da instituição para sua sensação de identidade e propósito.

É vital agora, mais do que nunca, que você continue a questionar e examinar não somente as motivações da instituição, mas também as suas próprias. Como você pode começar a desenredar as crenças impostas das que verdadeiramente emergem de seu próprio entendimento? Este é o caminho para a verdadeira libertação espiritual, um processo que exige não apenas introspecção, mas também

a coragem de enfrentar e eventualmente rejeitar aquilo que não serve mais ao seu crescimento autêntico.

Nesse contexto, eu o questiono: O que você realmente buscava ao adentrar essa jornada? Era a Iluminação? Mais poder? Ou simplesmente o sentimento de ser aceito pelo grupo? Cada uma dessas motivações revela as armadilhas sob as quais você ainda pode estar preso, mesmo que tenha abandonado a instituição.

Há uma romantização do termo "Iluminação", frequentemente definido como um estado onde você transcende sua consciência ordinária, limitada ao ego, que contém toda a confusão e contradição nas quais você está imerso. Você deseja se libertar deste estado a todo custo e, por isso, confia que alguém possa induzir uma mudança radical, algo que rompa suas estruturas e lhe permita viver em um estado diferente de harmonia, paz e completude.

No entanto, paradoxalmente, pode haver também a busca por poder, seja sobre si mesmo ou sobre os outros. Esta é uma capacidade de controlar suas circunstâncias e seu destino, seus impulsos e desejos, que é vista como outra forma de buscar libertação. Porém, ao mesmo tempo que busca ser livre, você anseia por pertencer a um grupo que reforce estes aspectos anteriores, substituindo seu ego pessoal por um ego coletivo, o que dá a ilusão da chamada espiritualidade, mas que na verdade é apenas um arranjo para fortalecer ainda mais o ego, afastando-o ainda mais da liberdade que tanto almeja.

Esses desejos inconscientes o tornaram vulnerável à instituição, que habilmente explorou cada uma dessas buscas. Prometendo caminhos de iluminação, poder e pertencimento, guiou seus membros por um labirinto de dependências e obrigações que apenas reforçavam as correntes ao redor de suas almas.

Quero enfatizar que a iluminação não pode ser oferecida por ninguém; ela não é um estado a ser conquistado. A mente é quem idealiza essa iluminação. E é a própria mente que, em sua busca incessante por saídas para o sofrimento, cria imagens e objetivos que perpetuam o aprisionamento. A verdadeira iluminação vem do profundo entendimento da natureza da mente, da observação contínua de nossos pensamentos e ações sem o filtro das interpretações ou das ideologias pré-concebidas. Os obstáculos que a mente fornece são numerosos, incluindo o desejo de alcançar um estado idealizado, a adesão a crenças e práticas sem questionamento, e o apego a identidades construídas que nos afastam do estado de atenção plena e consciência pura.

Portanto, é crucial que você comece a desenredar as crenças impostas das que emergem de seu próprio entendimento. Esta é a jornada para a verdadeira libertação espiritual, que exige introspecção e a coragem de enfrentar e eventualmente rejeitar aquilo que não serve mais ao seu crescimento autêntico. A iluminação verdadeira não é um estado de poder sobre os outros, nem sobre si mesmo, mas de profundo entendimento e paz com o próprio ser, o qual

podemos despertar por conta própria. Podemos tratar sobre isso no futuro, conforme seu coração estiver mais apaziguado. Antes disso, descubra tudo o que o atormenta, calmamente, e traga à luz da sua consciência.

Espero que estas palavras o ajudem a encontrar não apenas as respostas que busca, mas também a paz e a clareza para viver uma vida que seja verdadeiramente sua, livre de todas as expectativas externas e fiel ao seu mais autêntico ser.

Com todo meu respeito e apoio,

K.

Sentado no meu escritório, segurava a carta de K com uma sensação de peso e importância. As palavras de K, carregadas de profunda compreensão e empatia, ecoavam em minha mente, trazendo à tona uma série de emoções conflitantes. Sentia uma mistura de alívio e desconforto: alívio por finalmente ter as respostas que buscava, e desconforto ao confrontar a realidade das minhas próprias escolhas e ilusões.

Lendo a carta, cada palavra parecia desvendar mais uma camada das complexidades que havia ignorado ou subestimado. K havia tocado diretamente no cerne de minhas inquietudes — a busca por iluminação, o anseio por poder, e o desejo de pertencimento. Eu me perguntava como esses desejos haviam moldado não apenas minha jornada na instituição, mas

também como haviam influenciado a pessoa que me tornei.

A ideia de que a iluminação e o poder que tanto busquei poderiam ter sido manipulados para fortalecer as correntes de dependência com a instituição era perturbadora. Refletia sobre a natureza dessas buscas: será que, em algum momento, elas deixaram de ser sobre crescimento pessoal e se transformaram em ferramentas para minha própria submissão? A ideia de que minha busca por espiritualidade poderia ter sido corrompida por um desejo oculto de aceitação e afirmação pelo grupo era particularmente dolorosa.

A carta de K me impulsionava a questionar não apenas as práticas da instituição, mas também a examinar as motivações subjacentes aos meus próprios comportamentos e escolhas. Com essa perspectiva, comecei a entender a extensão do que K chamava de "engenharia social" — uma estrutura projetada para moldar os membros de maneira a perpetuar a hierarquia e o controle da instituição.

O conselho final de K sobre a verdadeira liberdade tocava profundamente em minha alma. Ele me lembrava de que a verdadeira iluminação vem da compreensão e aceitação de si mesmo, incluindo todas as imperfeições e sombras. A verdadeira libertação não estava nos ensinamentos distorcidos de uma

instituição, mas na corajosa jornada de introspecção e autenticidade.

Com a carta nas mãos, sentia-me ao mesmo tempo desafiado e fortalecido para seguir adiante. Sabia que o caminho à frente seria difícil, repleto de mais questionamentos e, possivelmente, mais revelações desconfortáveis sobre mim mesmo. No entanto, estava determinado a continuar essa jornada, não mais guiado por falsas promessas de iluminação, mas por uma busca genuína de autoconhecimento e verdadeira liberdade.

Levantei-me da cadeira com uma decisão firme em mente: redefinir o que significava ser livre, não como um membro de uma instituição, mas como um indivíduo autêntico e consciente. A jornada seria minha própria criação, moldada não pelas expectativas de outros, mas pelas minhas descobertas e pela minha verdade.